

COLUNA

Ubuntu

Alene Silva da Rosa

Uma nova ordem societária?



O último Código de Ética do Assistente Social aprovado em 1993, traz 36 artigos que discorrem sobre direitos e deveres, relações com outros profissionais, com instituições empregadoras, com a justiça, entre outros. Porém, antes dos artigos, o documento traz onze princípios fundamentais que também orientam o exercício do profissional. Pensar sobre cada um, nos remete a refletir sobre a sua apreensão pelos profissionais e sobre a sua materialidade no processo de formação e cotidiano de trabalho dos Assistentes Sociais.

Para pontuar algumas reflexões e provocações que se pretende através deste texto, é necessário explicitar de que lugar partimos, nesse caso, partimos da análise do VIII princípio fundamental, que diz “VIII - Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero¹”.

Entendo que, para que o exercício profissional do Assistente Social seja cotidianamente uma opção por um projeto profissional que esteja vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, existem algumas questões que precisam ser apreendidas pelos estudantes de graduação dos cursos de Serviço Social. As questões destacadas nessa frase são importantes

¹ Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf

a fim de que possamos analisar o que aprendemos e de que forma aprendemos, e como influencia no exercício profissional.

Primeiramente: a palavra **opção** passa o entendimento de que o profissional tem escolha quanto ao projeto profissional, ou a vinculá-lo a construção de uma nova ordem societária. Compreendo que nesse caso, existe a possibilidade do profissional optar em não aderir ao projeto de construção de uma nova ordem, mas por manter o status quo, ou seja, manter a ordem societária vigente, ainda que seja contraditório com a parte final deste princípio, que se propõe a uma sociedade livre de exploração e dominação, sendo estes o modos operante do sistema capitalista;

Segunda questão é se o estudante e/ou profissional tem compreensão sobre o que é o projeto profissional. Se entendeu que o projeto representa a coletividade de Assistentes Sociais, que tem um direcionamento social, um posicionamento político e ideológico, bem como a defesa e a vinculação a luta da classe trabalhadora. A apreensão do que compõe o projeto profissional implica em uma atuação profissional alinhada as questões pontuadas acima.

A terceira questão remete a percepção de si pelo estudante e/ou profissional do Serviço Social, se ambos se enxergam enquanto agentes de transformação nesse processo, ou seja, como um profissional que contribui para a construção dessa nova ordem societária;

Quarta e última questão é o que o estudante e/ou profissional entende sobre uma nova ordem societária. A parte final do princípio analisado nos dá algumas pistas do que se pretende com essa nova ordem societária, uma sociedade “sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero”. E pensar sobre isso, traz um questionamento, como construir uma nova sociedade se continuamos a contribuir para invisibilidade de questões fundamentais, tais como: o racismo estrutural.

Não é nenhuma novidade que a riqueza dos países europeus tem como base até os dias atuais, a exploração e apropriação das riquezas naturais dos considerados países periféricos ou de economia dependente. O sistema capitalista na Europa se desenvolve também a partir da escravização de africanos e de povos originários na América Latina, onde as colônias latino-americanas ajudavam a sustentar os colonizadores.

As marcas profundas desse processo de mais de três séculos de escravização reverberam até hoje na nossa sociedade, estão explícitas na realidade do nosso país, segundo o Atlas da Violência de 2017, a população negra corresponde a 78,9% dos 10% de indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídio², dados que escancaram a desigualdade social e o mito da democracia racial.

Mas essa discussão adentra a sala de aula da graduação em Serviço Social? o processo de formação dos Assistentes Sociais contempla a realidade de 19,2 milhões de pessoas que se declararam preta no último censo de 2018?

² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/>

Os estudantes negros e negras se sentem representados pelos autores que leem, na abordagem teórica utilizada? Existe a leitura de teóricos e intelectuais negros e negras no referencial bibliográfico do Serviço Social, seja na graduação ou na pós-graduação?

Ancorando-me no conceito cunhado por Conceição Evaristo, peço licença aos leitores, para a partir desse ponto do texto, escreve-lo a partir das minhas reflexões, percepções e das minhas vivências enquanto estudante de graduação e pós – graduação e também como Assistente Social, ou seja, o que segue é uma *escrevivência*, uma escrita que contém a minha subjetividade, o meu olhar acerca da realidade que me cerca, daquilo que vivo.

Se as perguntas acima fossem direcionadas a mim, todas as respostas seriam negativas, e penso ser isso um agravante muito sério para uma profissão que tem como horizonte a construção coletiva de uma nova ordem societária. Como é possível caminhar em direção a uma nova sociedade, se na atual os estudantes negros não enxergam professores negros em sala de aula? Como debater o sistema capitalista, sem discutir o racismo enquanto estruturante nesse processo?

Como debater racismo, desigualdade, violência, e opressão vivida pelos negros, sem dar a eles a oportunidade de falar por sua própria voz? Como falar sobre invisibilidade e acesso, se não é proposto o acesso aos intelectuais negros e negras, se dentro da academia continuamos cometendo epistemicídio, ou seja, praticamos o racismo intelectual, negando a produção africana, ou o acesso ao conhecimento da existência dessa produção.

Entenda que esses questionamentos não se configuram enquanto uma negação a corrente teórica que orienta hegemonicamente a profissão, mas a constatação de que o ensino de uma teoria, ou o uso de um autor, na maioria das vezes, oculta e se sobrepõe ao simples saber de que existem outros intelectuais não europeus, que se debruçaram a escrever e analisar a sua realidade a partir do seu próprio percepção e vivência.

Afirmo que não posso falar pela realidade de todos os cursos de graduação e pós-graduação, tampouco posso levantar minha voz por todos os estudantes do Serviço Social, posso relatar a minha experiência enquanto estudante, e a implicação disso nas minhas percepções, reflexões e questionamentos a partir do meu processo de formação profissional.

Mas questiono, como esperar que enquanto assistentes sociais (negros e negras) nos vinculemos a um projeto profissional e sejamos agente de transformação e construção de uma nova ordem societária, se na atual ordem societária não contemplamos uma formação antirracista? Se não há adesão a essa luta e essa discussão no processo formativo, se somos invisibilizados na academia, de qual exploração e dominação estamos falando? Qual sociedade pretendemos construir?

Penso que essas respostas precisam ser construídas coletivamente, para pensarmos em uma nova sociedade que seja anticapitalista, e não patriarcal, é

preciso que ela também seja antirracista, mas para isso é preciso que o racismo seja pauta de debate e combate dentro e fora da sala de aula.



Alene Silva da Rosa

Mulher, Negra, Assistente Social e Mestranda no Programa de Pós Graduação em Serviço Social pela PUCRS (2019); Bolsista de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Integrante do Grupo de estudos e pesquisa sobre cotidiano, trabalho e território, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - GEPsT; Especialista em Política de Assistência Social pela Uninter (2019); Assistente Social, com experiência em Assessoria em Serviço Social, Serviço Social no Setor Público (Política de Assistência Social), Serviço Social no Terceiro Setor e Serviço Social na Educação (Tutoria do Curso de Bacharelado em Serviço Social EAD - Uninter/ Pólo SantAna do Livramento). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Tem como temas de estudo, assuntos como: Drogas, Política de Assistência Social (enfoque na proteção social básica), Território e Fronteira.